

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

N.º 110 (200) — 19-4-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30 — AFRICA, \$40 — ESTRANGEIRO, \$65

Redactor principal:

Clemente V. dos Santos

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO

COOR.: APARTADO, 17—PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A "Legião Vermelha"

A imprensa reaccionária e mercantilista, orientada pela epilepsia rancorosa dos Pereira da Rosa da moagem, da finança, da indústria, do comércio, da agricultura e de mais quadrilhas explorativas adstringentes, tem ultimamente levantado um formidável còro de imprecações contra a organização operária e todos os elementos avançados.

A imprensa de balcão, farrapo imundo ao serviço de todos os dejectos oligárquicos, teve sempre em todos os tempos o releu hábito de meter os pés pelas mãos, sabido como está de que a sua primordial função económica e social é conseguir caudais de ouro para os seus cofres e envenenar a opinião pública com o seu sistemático e calunioso confusãoismo espalhado adrede pelo país fora.

Conhecemos de sobra as suas manhas, os seus intuitos e os instintos perversos e patibulares da brunida gentilha que a orienta. Por isso, a maior parte das vezes damos ao absoluto desprezo a esvurmação venenosa que os matóides do jornalismo espúrio alagam nas suas colunas em almoeda.

O caso presente, porém, força-nos, também, a pedir a palavra.

Para atacar, furibundamente, a organização sindicalista e os elementos avançados de todas as tendências, os jornais capitalistas e ultramontanos servem-se de um assalto feito a um cobrador da Sociedade de Pescarias, e de outras proezas similares. Para a pesca de ódios, a incidirem para aqueles elementos avançados e para a organização operária, ser maior — atribuem êsses actos condenáveis a uma «Legião Vermelha», considerando-a assim uma coisa parecida ao que a «nossa» intervenção guerrista gerou em terras estranhas: a

Mão Fatal, que nos envergonhou em França.

Não sabemos se existe, de facto, qualquer agrupamento denominado «Legião Vermelha». Não sabemos, nem procuramos saber. Por legião, apenas conhecemos aquela de que nós também fazemos parte: a legião dos explorados; a legião dos mal vestidos; a legião dos descalços ou dos botas cambadas e tecidas a pontos; a legião dos oprimidos nas oficinas, nas fábricas, nos campos, nas minas, nos caminhos de ferro e nos mares; a legião dos que, produzindo toda a riqueza social, não teem casa, não teem pão assegurado; a legião, enfim, dos que, não tendo o livre direito à existência, também nada teem que perder...

Esta legião, a ulular ruídosamente, ameaçadoramente, nas *steppes*, nas savanas da selvática tirania capitalista-estatal, é negra no seu sofrimento milenário, é cristalina nas suas aspirações legítimas à sua liberdade e felicidade, é *vermelha* na sua justa indignação, na sua justificada revolta contra uma sociedade de prepotências e de roubos codificados.

E porque ela é contra as extorsões do Estado; e porque ela é contra as traficâncias da batota financeira, para que enriqueçam os Soto Maior; e porque ela é contra as tranqüibérrimas de um comércio que nos adultera os géneros e nos leva por êles uma dinheirama doida, para que se milionarizem os Pereira da Rosa; e porque ela é inimiga fidalga das ruinosas tramóias de uma indústria que nos falsifica os produtos, além de no-los vender caríssimos, para que os Manueis, os Pintos e os Azevedos possam deliciar-se na frente das suas piramidais fortunas; e porque ela é inimiga declarada duma agricultura que nos impõe a fome, para que os

Relvas arrotem oiro por todos os lados; e porque ela é adversária confessa duma política esbanjadora e escandalosa, para que os Afonsos e os Nortons possam aumentar, numa progressão geométrica, as suas esplendorosas riquezas — é que ela procura melhor concertar a sua união, a sua solidariedade, a fim de que todo êste sistema de privilégio de uns tantos em desbenefício de uns quantos; a fim de que todo êste corolário nauseabundo de assaltos, de saques desenvolvidos nos mercados capitalistas, termine duma vez para sempre. É verdade que a máquina latrocínante da burguesia está tam bem montada, que somos nós os que, *voluntariamente*, lá vamos entregar todos os nossos haveres.

Mas a nossa legião, a legião avançada, a legião anarquista, a legião sindicalista revolucionária, não pretende apossar-se daquela máquina infernal para utilizar-se dela em seu exclusivo benefício: quer parti-la.

Sendo contra a ladroeira da sociedade actual, não quer roubar; sendo contra a opressão do Estado e das oligarquias exploradoras, não quer oprimir nem transformar-se em plutocracia, invertendo-se os termos; sendo contra toda a classe de parasitagem, não quer parasitar.

Eis a moral das nossas intenções, da nossa *legião vermelha*, a dos esfarrapados, a dos modernos *sans-culottes*.

É natural que haja alguém na outra «Legião Vermelha», se é que ela existe, que se diga comunista, sindicalista ou anarquista. Mas os actos contradizem-nos. Não aplaudimos as suas acções, mas tam bem não temos muita força para condenar os indivíduos isolados: êles são o fruto do meio em que nós vegetamos, êles são o produto lógico do sistema político, económico, social e ético auspiciado pelo exemplo capitalista. Temos, por isso, mais força para condenar tal sistema que gera semelhante meio. E fazendo-o, como cons-

tantemente o vimos fazendo, já profligamos os homens em conjunto.

Queríamos que a imprensa capitalista fizesse o mesmo.

O Estado usurpa direitos e haveres. ¿Porque não condena a envincilhante função do Estado? A política desfalca. ¿Porque não guerreia aquela sordida maneira de harmonizar os povos? O comércio rouba: ¿Porque não flagela êsse estúpido processo de permuta, de consumo, de prover as necessidades de todos os semelhantes? A indústria rouba. ¿Porque não critica ásperamente êsse sistema da divisão do trabalho, da produção, para que êle seja mais geral e mais suave, mais fértil e mais humano? A agricultura rouba. ¿Porque não censura veementemente essa arcaica forma agrária, que não cultiva todos os terrenos num bem geral? Enfim: ¿Porque não condena os *legionários* de todas as classes das *forças vivas*, se em todas elas há gatunos?

Agora nos lembra que estamos a fazer *blague*. Ela não faz como nós porque pertence a ladrões agaloados, e êstes não encontram nenhuma utilidade para os seus instintos de rapina com a dissolução da quadrilha.

Mas a nossa «legião», a legião dos deserdados, há de dispersá-la, ainda que tenha de ser muito *vermelha* a sua acção revolucionária...

— 1.º de Maio —

Comemorando esta data, A COMUNA publicará um número especial com uma bela alegoria.

Pedimos, portanto, a todos os agentes que queiram receber um maior número de exemplares, para fazerem os seus pedidos até ao dia 26. Igualmente os nossos colaboradores devem enviar os seus originais até ao dia 24 do corrente.

¡SEMPRE TARTUÇOS!

Uma das ousadas, e eminentemente hipócritas afirmações programáticas feitas pelos turiferários da caverna alindada da União dos Interesses Económicos, é a de que, logo que atinjam o governo por intermédio de uma rebelião, dispensarão todo o seu carinho... de víbora «amansada» à protecção à infância.

¡Nós pasmamos ante semelhante grosseria de hipocritismo!

¡Protecção à infância! ¡Protecção à criança! Não somos daqueles demasiado optimistas que se deixam embalar, embeber, logo às primeiras «flautadas» sopradas pelas promessas de quem quer que seja. Sabemos que o bem estar não é coisa que se decreta pela generosidade do bandoleirismo protector, mas uma conquista legítima que tem de partir do nosso próprio esforço directo, se queremos vêr os nossos filhos ao abrigo das inclemências impostas pela tirania económica e social das classes oligárquicas.

Mas, francamente, se aquela promessa altruísta fôsse delineada por outra gente que não pertencesse, nem de longe nem de perto, aos piratas das forças do olho vivo — nós ainda estaríamos «tentados» em acreditar em tam extranha atoarda «doutrinária.»

¿Que autoridade podem ter os srs. comerciantes, de baixa e alta escala, em falar de protecção à infância, se eles não temem pêjo, remorso, escrúpulo algum em adulterar os principais elementos, os quais, em vez de robustecerem, nutrirem a criança, vão definhá-la, povoando a sua débil compleição física de toda a sorte de doenças, desde as enterites às gastrites?

¿Que autoridade moral temem os ricos e invejosos agricultores em falar de protecção à criança, se eles vendem o leite falsificado que se destina à alimentação da infância?

¿Que autoridade moral temem os moageiros e panificadores de falar em protecção à infância, se eles estragam as farinhas e fabricam, adulterada e insalubrememente, o pão que essa mesma infância come, como o seu primordial sustento?

E' curioso, para não dizermos revoltante, que o industrial nos venha dizer que, quando fôr

governo, curará de proteger a infância, quando na sua fábrica ou no seu atelier se exploram vilmente uma infinidade de menores de ambos os sexos, não deixando desabrochar pujantemente a flôr da sua juventude, a flôr duma vida... cheia de vida — matando-a precocemente com as brutalidades de um trabalho exaustivo, com as brutalidades de uma péssima remuneração e com as brutalidades duma refeição escassa e intoxicada...

¿E que havemos de dizer dessa infância que agoniza nos árduos labores das minas, como por exemplo, e por estarem mais próximos de nós, em Valongo e S. Pedro da Cova — apesar de terem gerentes muito católicos, muito tementes a Deus?

¡Tartufos!

Dificultam a existência económica, social e física das famílias trabalhadoras, e depois veem-nos falar da protecção à infância...

Impedem que as mães proletárias possam, ao menos sófrivelmente, cuidar do fruto dos seus amores, desenvolvendo-o alimentar, agasalhada e sãdamente, higiênicamente — e veem-nos, miseravelmente impostores, falar de protecção à criança...

Exploram, maltratam, perseguem, levam, em multas, uma parte dos salários das desgraçadas; prostituem, tuberculizam as infelizes operárias, ainda jovens ou adultas, solteiras, casadas ou viúvas — as mães da ralé que constrói toda a riqueza social — e veem-nos falar da protecção à infância...

Roubam, insultam, sujeitam às piores condições de trabalho os operários, bacilizando, portanto, milhares e milhares de progenitores — e veem-nos falar de protecção à infância...

O que os matulões da União dos Interesses Económicos, que são a um tempo os proprietários das imundas ilhas, dos peatilentos bairros onde se atrofiavam legiões de crianças pobres, pretendem realizar, é uma maior protecção, em bens moveis e imóveis que lhes facilite uma mais ostentosa expansão «crioula», às suas crianças nascidas em bêrços doirados e enfronhada em toda a espécie de paparocas e «babadas» por toda a maneira de beijocas hipócritamente dadas pelas pes-

soas «ilustres» das suas relações...

Essa infância rica, dourada, coberta de privilégios, e que será amanhã o déspota da infância das alfurjas e do abandono das ruas — é a que os carrascos, os envenenadores, os parasitas, os tiranos da U. I. E. procurarão mais e mais proteger quando fôrem ditadores...

Um dia, porém, o seu poderio derruirá estrondosamente e o seu couto será terrivelmente desfeito...

Coisas dos Rates

E publicam-lhe um livro para terem esta confissão:

«Ora nós, os marxistas...

«O anarquismo colectivista de Bakounine e o anarquismo comunista de Krapotkine negam em economia o que afirmam em política.

Eles o dizem no livro do Rates, porque:

«A Rússia, desde há sete anos, é, antes de tudo, um vasto laboratório de experiências socialistas.»

A justificar, dizem-nos também disto:

«Os revolucionários russos não desesperam nunca, anulando ou torneando os obstáculos que atravancam o caminho para o socialismo. A vitória definitiva do socialismo já não oferece dúvidas.»

Não, não, amigos do Rates. Como os marxistas torneiam os obstáculos, di-lo uma passagem de uma carta de Rudolf Sharfenstein, de Berlim:

«De novo me refertrei à política internacional soviética, para a acusar de ter promovido o ressurgimento das direitas internacionais europeias.

O governo da Rússia, como todos os governos ditatoriais, chamem se monárquicos, republicanos ou comunistas, tem da sua missão um conceito providencial. Julgam ter sido eleitos por Deus, pelo Povo ou pela Humanidade, para redimirem o seu país ou a sua raça.

Com este critério, o governo da Rússia crê estar destinado a produzir a sua revolução no mundo e pugna para a provocar. Por isso a sua intervenção na política das outras nações, por meio dos partidos que organiza. Se a isso se junta que também lhes paga, compreender-se há o direito que a Rússia julga ter de intervir na di-

recção e tática dos partidos comunistas da Europa e em geral na política de cada país.

O mal está em que os diferentes partidos comunistas vivam à custa do governo russo... E agora, penso em que não existiriam se não vivessem à custa daquele governo, e portanto a intervenção não podia dar-se.

Nada se teria que opôr à ajuda pecuniária que o governo soviético presta aos partidos que cria, se não lhes exigisse uma revolução igual à sua e não quisesse traçar os seus métodos revolucionários.

O socialismo europeu não pode aceitar uma revolução tam minguada como a russa e muito menos que aqueles que a forjaram e se erijem em directores das outras.

Por se terem empenhado em exercer na Europa a ditadura revolucionária que exercem no seu país, é que foram causa da derrota do governo trabalhista na Inglaterra; deixaram abaixo o governo radical francês e fortaleceram os partidos nacionalistas.»

E o Rates, a abrir o livro que traz o seu nome, a dizer-nos:

«Pretendi, aproveitando a minha viagem à Rússia em 1924 e folheando uma vasta bibliografia, que se refere à Revolução russa...»

Não digais que o poder de observação e de absorção destes Rates não é poderoso como o dos delegados das T. U. ingleses, que o nosso camarada Owen desmascara num artigo que publicaremos no próximo número.

E por agora...

Mistérios do Povo

:: SEXTA SÉRIE ::

Comuntemos a todos os assinantes dos «Mistérios do Povo», que já está em distribuição, nesta redacção, a sexta série desta obra (tomos 51 a 60), ao preço de 5\$00 cada série.

Apelamos para que esta notificação seja tomada na devida conta, bem como também lembramos a uma parte dos assinantes que ainda não levantaram as séries anteriores, o favor de o fazerem o mais breve possível.

Edições SPÄRZACUS

O Amor e a Vida. . . . 5\$00
A Crise Económica . . . 2\$50
Três aspectos da Revolução Russa. . . . 5\$00
ÁVENDA NESTA REDACÇÃO

Os crimes do fascismo

A memória Filippelli constitui um belo documento comprovativo da cumplicidade de Mussolini no assassinato de Matteoti.

Como a memória Rossi, a memória Filippelli constitui um poderoso documento comprovativo da cumplicidade de Mussolini e dos seus lacaios no assassinato do deputado Matteoti.

Nesse documento que, à guisa de folha volante, circula em toda a Itália sob este título — *A questão moral*, Filippelli afirma que Matteoti foi assassinado por ordem do presidente do conselho de ministros; e que Dumini, o assassino, procedeu segundo as instruções de Rossi e de Marinelli (dois dos principais logares-tenentes do *duce*), os quais receberam, para tal fim, uma ordem formal do ditador.

Este documento apareceu à luz da publicidade no momento em que a comissão do supremo tribunal de justiça interrogava Filippelli, depois de ter interrogado Dumini.

Filippelli era o director do *Corriere Italiano*, órgão fascista; e foi ele que emprestou a Dumini o automóvel que lhe serviu para cometer o crime.

A memória tem a data de 14 de junho de 1924, isto é, quatro dias depois da desapareção de Matteoti.

O seu redactor exprime-se nestes termos:

«Dumini é uma criatura muito conhecida de Mussolini, e que, antes da marcha sobre Roma, se apelidava de Bianchi para escapar à acção da justiça.

«Eu conheci-o na redacção do *Popolo d'Italia*.

«Ele não era só um amigo do *duce*: tinha, também, íntimas relações com importantes personalidades do círculo governamental.

«Foi César Rossi que me apresentou; e eu admiti-o como inspector do *Corriere Italiano*. Mas como os resultados obtidos por ele fôsem nulos, diminui-lhe 50 por cento ao ordenado...

«Dumini ia muitas vezes ao ministério do Interior. Assim, foi por ordem dos chefes que ele executou o atentado contra Misuri, operou, depois, em França, e assaltou Forni.

«Como eu tinha automóveis ao serviço do *Corriere*, pediam-nos emprestados. E to-

dos os fascistas de Roma se utilizaram deles.

«A 9 de Junho de 1924, Dumini pediu-me um automóvel para servir alguns dos seus amigos que eram antigos combatentes, e eu emprestei-lho.

«No dia seguinte fui a Angio e regresssei, de tarde, ao jornal. «Encontrei Dumini que falava tranquilamente com o chefe da redacção. Pediu-me que lhe indicasse uma *garage* para a noite. Sobre certos assuntos que me diziam respeito, disse-me, que tinha recebido instruções de Mussolini, que teria de executar imediatamente. Fiquei preocupado com o caso; mas Dumini recomendou-me silêncio.

«Na quarta-feira, inquietadíssimo com o desaparecimento de Matteoti, fui procurar Rossi (director da imprensa no ministério do Interior). Rossi, por sua parte, procurava-me para me dizer:

«Que Dumini se tinha servido do automóvel emprestado por mim;

«Que o caso era grave;

«Que Mussolini sabia tudo.

«Que Rossi e Marinelli tinham dado ordens de acordo com Mussolini;

«Que era preciso, fosse de que modo fosse, abafar a questão para impedir que Mussolini se precipitasse.

«No mesmo dia avisei Bono (director da polícia de Segurança), Finzi (subsecretário de Estado) e outros.

«Ouvi dos lábios de Finzi que Matteoti tinha sido vítima de Dumini; que a ordem do assassinato emanava da Tchêka fascista; que os executores materiais do crime se tinham entrevistado com Mussolini; e que Mussolini tinha recebido a carta do deputado Matteoti, que motivou a execução.

«Suplicaram-me, então, que empregasse os meus melhores esforços para que não se descobrisse nada. E' que se tratava dum negócio de Estado. Do contrário, o regime corria perigo e Mussolini arriscaria a sua vida.

«¿Que devia fazer? «Tôdas as minhas palavras podiam comprometer Mussolini.

«Na noite de quinta-feira fui à casa de Finzi e declarei-lhe que não podia viver com semelhante pesadelo.

«Ofereceu-me tôdas as garantias, que me foram renovadas por Bono. Este afirmou-me que estava encarregado de fazer desaparecer os traços do crime, inclusivé as roupas sangrentas que Dumini envergava quando foi prêso.

«A pedido de Dumini, e por caridade, mandei o meu *chauffeur* retirar da *garage* o automóvel que o transportou ao local do crime...»

Não é necessário traduzir mais. O que aí fica é bem suficiente para atestar que o ditador Mussolini e seus lacaios são uns bandidos da pior espécie. E que, para se imporem, as ditaduras tem de se apoiar em actos criminosos...

...Como na botica

A reacção da Academia

Apreciando criteriosamente o fenómeno reaccionário que a Academia de hoje nas apresenta, escreve Pedro Bertrand:

«Hoje a vida é muito cara. Um pequeno funcionário, um pequeno comerciante, um pequeno proprietário rural, mesmo um operário, hábil e favorecido, não podem permitir-se ao luxo de destinar uma carreira liberal aos seus filhos. O ensino superior encontra-se, assim, reservado unicamente aos filhos da burguesia rica, endinheirada, isto é, aos filhos da burguesia ambiciosa e egoísta.»

E como reza o adágio português — *casa de pais, escola de filhos*, de aí o reaccionarismo da casa paterna se manifesta nos estudos e nas produções literárias, científicas ou filosóficas da moderna geração de capa e batina.

¿Mas não haverá maneira de pôr um cõbro a isto? Há. E já a indicamos na crónica anterior: é a luta incessante contra o «espírito das trevas» e a preparação do terreno para a Revolução Social.

Uma descoberta

Um grupo de pedreiros que abriam os alicerces para a construção dum prédio em Dyckman Street (Upper Manhattan, New-York) descobriram, em perfeito estado de conservação, o esqueleto dum mastodonte, cuja morte deve re-

montar a um milhão de anos antes de Cristo.

Este esqueleto foi examinado por peritos do Museu de História natural de New-York que consideram a descoberta importantíssima sob todos os pontos de-vista, especialmente para acabar com a lenda bíblica de que o mundo foi criado... há seis mil anos.

Lições... socialistas

M. J. da Silva não se farta de dizer que é um partidário entusiasta dos métodos de luta e de tática do tradeunionsmo inglês. E' natural. Um político aplaude sempre o gesto subserviente das massas que lhe dão o voto, ou que se ajoelham em mística adoração na presença dos mentores.

Para vermos o que valem os métodos de luta e a tática do tradeunionsmo inglês, basta sabermos o seguinte:

«No momento presente, a indústria mineira inglesa atravessa uma grande crise que obriga as empresas a licenciar muitos operários. ¿Julgais que, perante o espectro sinistro da fome, os mineiros ingleses desejam tomar conta das minas para as explorar em seu benefício? Não. Reünem-se para procurar amistosamente a fórmula que permita às empresas assegurar os seus avantajados lucros e aos operários esperar tempos melhores no meio da sua indigência...»

Semelhante procedimento só pode entusiasmar os pusilânimes, isto é: aqueles que morrem à fome à beira de montões de pão, e nunca os indivíduos que se consideram como homens.

Mas os políticos... sim... são os políticos: os eternos serventuários da classe exploradora. E' por isso que o tradeunionsmo tem salvado muitas vezes a Inglaterra capitalista...

A hipocrisia católica

O bispo de Madrid-Alcalá, pediu aos seus fieis que mandassem dizer muitas missas, visto que só com missas é que a Espanha se salvará e vencerá a guerra de Marrocos. E o bispo de Santiago disse a Primo de Rivera que se apegasse a S. Tiago se queria vencer os marroquinos. E com efeito: o ditador apegou-se ao ícone e tem-nos feito correr... mas é atrás dele e dos desgraçados que vão para o Rif passar tormentos e perder a vida.

Um pedido

Dias atrás, o Marcial Jordão deu uma trepa bem boa nos catoliqueiros portugueses. Como, segundo a lógica socialista, este cronista dá porrada... nos adversários mediante uma espórtula qualquer, os sociais democratas da rua de Camões não nos poderiam informar do *quantum* de dinheiro hereje que lhe caiu na bolsa por essa crônica?

Temos a certeza que lhes hia-de ser muito fácil a resposta. Como tem lá em casa um com-pincha que *pasta* na mesma campina...

Atenção... Bafafa

Subordinado a estes títulos, um jornal do dia 11 inseria o seguinte anúncio:

«Por estes dias é carregado um vagon em Porto de Rei «por conta do lavrador, é própria para semente. O encarregado Luis Pereira Lacerda Pestana, cujo assunto é efervescente.»

Isto, com franquesa, até parece o melhor dos períodos de qualquer artigo do Joaquim Silva.

Porque êle é um verdadeiro mestre... em *pretogues*.

Pensamentos... de hoje

... Com os seus dois meses de prévia preparação, o que se chama período eleitoral devia chamar-se o período da mentira. E devia chamar-se o período da mentira, não porque seja usurpada a representação nacional ou embarriladas as discussões de alto interesse, mas porque o que se tece nesses dias em volta da campanha eleitoral, é falso. Assim, mente o cacique, exagerando a sua fôrça nos distritos para ver se pode tratar, como de potência a potência, com o governador. O governador da provincia enganava o alcáide da povoação, oferecendo-lhe uma cordialidade generosa e perene que se desmorona à primeira vacilação do corpo eleitoral. Mente a proclamação ou o manifesto, prometendo o que é impossível dar ao povo; e mente a gazeta política, acusando os adversários de crimes que se cometeram com a cumplicidade de todos.—*Gusmão de ALFAFARA-CHE*.

Ora aqui está uma coisa que custa a entrar no caco dos nossos *socialistas*, porque são eleicoeiros e gostam de batatas com carneiro...

JOSÉ DE LIMA.

Do meu postigoExperimentalismo eleitoral

No célebre *manifesto do partido comunista*, Marx e Engels fazem a declaração categórica de que a «abolição das relações da produção burguesa e, portanto, das actuais condições da exploração capitalista, é uma coisa impossível sem revolução».

E' claro que aqueles dois luminares do socialismo não entendiam por revolução a insurgência eleitoral, a rubicunda troca de discursos sabiamente architectados ou o arremêso, em ocasiões de exaltação excepcional, de qualquer tinteiro que os próprios eleitores tem de pagar nas contribuições agravadas.

Para eles, pouco se lhes dava que o deputado laborista Mr. Kirkwood tivesse de ser pôsto, pelo «speaker», fóra da Câmara dos Comuns, e que o ex-ministro de Jorge V, Mr. Macdonald, depois de se insurgir contra a «injunta e absurda sentença» ditada pelo conservador Hope contra Kirkwood, o tivesse de acompanhar seguido de Jacks Jones e outros extremistas do partido, para, de novo, todos voltarem ao ring.

Tampouco lhes importava das piruetas dos deputados socialistas italianos, das deserções ou concubinatos dos parlamentares franceses ou dos acôrdos baixos feitos com os partidos reacccionários pelos pais da pátria da Alemanha.

A revolução predicada no *Manifesto comunista* era a revolução dos operários, a revolução dos camponeses, a revolução dos soldados, a revolução dos oprimidos, enfim — a *parteira* da nova sociedade.

As reformas administrativas e as mudanças das relações sociais materiais não alteram em nada, para Marx e Engels, «as relações entre o capital e o trabalho assalariado», antes pelo contrário: aproveitam à «burguesia, diminuindo os gastos da sua dominação e simplificando a sua administração política».

Liebknicht, entendendo também que «a idea socialista não pode realizar-se no estado actual», aconselhava: «Nada de paz com o Estado actual». Para a «idea socialista poder ter vida há de destruir». Defendia, portanto, a revolução, mas indicava logo que «as revoluções

não se fazem com permissão da autoridade superior».

A revolução, pois, não sai do experimentalismo parlamentar, da direcção superior dos eleicoeiros representantes do povo: êstes, em vez de atearem a guerra ao Estado actual, à burguesia presente, ao capitalismo dos nossos dias, dão-lhes tréguas, conversam com eles, colaboram com eles na administração e nas reformas meramente económicas, nada alterando as «relações entre o capital e o trabalho assalariado», mas perpetuando a vida às instituições oligárquicas que nos espesinham.

Apesar de burgueses, Marx e Engels preocuparam-se com o nascimento do socialismo burguês, isto é: com o aparecimento do oportunismo, do experimentalismo, em que se enfileiraram «economistas, filantropos, humanitários, melhora-dores da sorte dos operários, organizadores da caridade, protectores dos animais, promotores de sociedades de temperança, reformadores por miúdo de todo o género».

E' contra êstes que a crítica dos dois patriarcas do socialismo revolucionário se ergue formidável, porque eles, deturpando o sentido das doutrinas marxistas, procuraram «dissuadir os operários de todo o movimento revolucionário», porque preferem tudo «menos os elementos revolucionários e dissolventes»...

O socialismo revolucionário de Marx e Engels derivou, pois, no socialismo burguês da actual socialdemocracia, socialismo burguês, aliás, que Gustavo Hervé encontrou no congresso internacional de Stuttgart, nas caras gorduchas, reluzentes e rubicundas dos bem satisfeitos.

Os factos estão a bem patentes: a social democracia de todos os países, os partidos socialistas de tôdas as nacionalidades são aburguezados, ricos, acomodaticios, pesados. Os seus chefes proclamam-se humanitários com o seu desejo sempre «ardente» de irem ao parlamento *melhorar a sorte dos operários*; afirmam-se filantropos com a organização de estabelecimentos de caridade, quer dizer: com a fundação de armazens de calçado, de géneros de mercearia, de vinhos, de

caixões funerários, etc., e com a formação de caixas de empréstimos, de socorro mútuo, além de outros comércios e de outras indústrias, de cujo produto sai uma percentagenzinha para o desemprego ou doença dos sócios *menores* da empresa mercantilista; jactam-se de protectores de animais, porque se propõem sempre, nas municipalidades e nos parlamentos, suavisar um *nadinha* as duras chicotadas que o Estado capitalista *knouteia* no lombo chagado da *bête de somme*, da besta de carga, da besta humana que os consente repimpados na sua pesada albarda!

E' por estas razões experimentalistas, oportunistas, que os eleicoeiros socialdemocráticos, como os comunistas, como os republicanos, como todos os outros políticos, vão conservando «as condições da sociedade actual sem as lutas e perigos que delas derivam fatalmente. Nada de elementos revolucionários e dissolventes.» O que é preciso é procurar «dissuadir os operários de todo o movimento revolucionário», para que êles, pegando na nojenta vassoura das urnas, os amontoem na lixeira parlamentar da legislação reformista. A higiene experimentalista, oportunista, dos candidatos assim o exige...

Voltaire afirmou que «para se ter alguma autoridade sobre os homens, é preciso differenciar-se d'êles.» E se, para essa autoridade os magistrados e os padres procuram a indispensável differença (na toga e na sotaina, os políticos aspirantes ao mando parlamentar procuram-na no diploma litografado do sufrágio universal, dessa farsa que estupidariza as consciências.

O experimentalismo, o oportunismo já combatidos no *Manifesto comunista* só tem reforçado a razão de Hector France, que nos diz que «nos tempos que correm, tais como os tem feito as exigências da sociedade moderna, é pueril supôr que se encontram políticos trabalhando unicamente pelo bem público. Cada um trabalha no seu próprio interesse. Pode acontecer que este interesse particular se encontre e ajuste com o geral; mas isso é pura coincidência.»

Ora se para Schopenhauer «as religiões são como os vermes fosforescentes: tem necessidade de escuridão para luzirem» — também as religiões políticas autoritárias e parlamentares estão nas mesmas condições: precisam de lorpas